

DO FAX À CARTA DA CARTA AO ENCONTRO EVOLUÇÕES

ENTREVISTA COM JOSÉ CARLOS CALICH

Por Paola Amendoeira e Carlos Frausino

Em sua visita à Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb), no segundo semestre de 2018, o psicanalista José Carlos Calich, membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), do Comitê Científico da Fundação Jean Laplanche e professor da Universidade de Nova York (NYU), conversou com os colegas Paola Amendoeira e Carlos Frausino para o *Jornal Associação Livre*. Calich é um psicanalista que transita com profundidade pelas várias vertentes do pensamento clínico, de forma crítica e autoral. Nos últimos anos, tem-se dedicado, entre outros temas, ao estudo e à divulgação do pensamento de Jean Louis Laplanche. Além disso, tem intensa atividade editorial – de 2000 a 2003, foi editor da *Revista de Psicanálise da SPPA*; de 2012 a 2017, editor pela América Latina do *International Journal of Psychoanalysis* e é membro de diversos conselhos editoriais no país e fora dele. Tem também continuadas participações teóricas e clínicas em Sociedades e instituições nacionais e internacionais. Foi passando por esses mares que a conversa leve e fértil fluiu, cujos principais trechos apresentamos nas próximas páginas. Boa leitura!

JORNAL ASSOCIAÇÃO LIVRE • Como foi o processo de aproximação de Jean Louis Laplanche e de seu pensamento?

JOSÉ CARLOS CALICH • Em 2002, quando eu era editor da *Revista de Psicanálise da SPPA*, resolvemos fazer um número especial com o tema “o Inconsciente” e decidimos convidá-lo



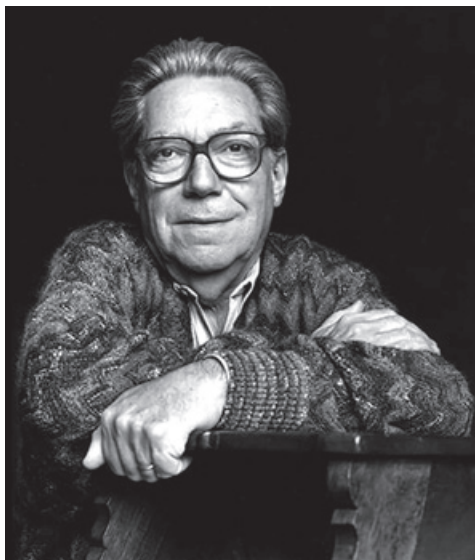
José Carlos Calich

para escrever um artigo. Fiz o convite por fax, o meio de comunicação mais ágil da época. Educadamente, me respondeu, agradeceu o convite, mas afirmou que já havia escrito e falado tudo o que pensava a respeito e que não tinha mais nada a acrescentar sobre o tema. Fiquei desapontado com a resposta. Mas, após refletir, escrevi uma longa carta a ele. Era uma nova tentativa de ter sua participação

na *Revista*. Fiz uma revisão dos seus escritos nos últimos anos e sugeri que alguns tópicos, de seus artigos mais recentes, pareciam não ter ainda sido sistematizados e integrados. Ele não respondeu. Fiquei com a ideia que nem os tinha considerado! Seis meses depois, recebi uma ligação do próprio Laplanche. Do outro lado da linha ele me falou: *tua carta me provocou pensar e discutir com alguns colegas e reescrevi minha teoria sobre o 'inconsciente'. Gostaria, assim, de saber se ainda tens espaço para publicar minha nova teoria na Revista*. Eu, entre o perplexo e o exultante, obviamente concordei e o artigo original foi então publicado na *Revista de Psicanálise da SPPA*, nº 3, vol. 10. 2003.

A partir deste momento, passamos a ter um diálogo, cada vez mais frequente, por meio de correspondência, quando trocávamos opiniões e dúvidas (obviamente mais minhas do que dele) sobre questões teóricas e comentários sobre trabalhos a serem publicados. Após alguns anos, tive um primeiro convite que muito me surpreendeu. Laplanche estava cumprindo 80 anos e uma revista francesa estava publicando um número especial em sua homenagem. Fui incluído como autor de um artigo que comentava a nova teoria do Inconsciente de Laplanche e ele escreveria respostas a todos os participantes. Fui o único não europeu da publicação. (Calich, J.C., « Pour faire travailler » la topique laplanchienne. *Psychiatrie française*, XXXVII, 3-2006, « Le concept d'inconscient selon Jean Laplanche », p. 34-44 e Laplanche, J. « Réponse à José Carlos Calich ». *Psychiatrie française*, XXXVII, 3-2006, « Le concept d'inconscient selon Jean Laplanche », p. 34-44.)

Continuamos nossas trocas e em 2008 veio um segundo convite, para mim também surpreendente. Ele me convidou a ir à França apresentar um trabalho na *Jornada Jean Laplanche* sobre *Sonhos*. Ao chegar lá, fui notificado que ele colocou meu trabalho na abertura da jornada e, ao terminar o encontro, convidou-me a compor a Comissão Científica da Fundação que ele estava criando e finalizando sua organização. Sou o único da América Latina dentro desta Comissão. A partir desse momento, minha interação com Laplanche e suas ideias foi se intensificando



Jean Laplanche aos 60 anos

e estas, para mim, se tornando cada vez mais interessantes.

AL – A tua trajetória profissional leva você a ter um olhar acerca da produção psicanalítica em vários países. É possível identificar particularidades e especificidades da forma de trabalhar do psicanalista brasileiro?

CALICH • Não consigo identificar uma forma brasileira predominante de trabalhar. Formas de identificar “bases comuns” (*common grounds*) nas teorias e técnicas psicanalíticas ao redor do mundo e na história da Psicanálise esbarram em variáveis tão complexas, que comumente chegamos à ideia de que o que temos em comum é trabalhar com a noção de inconsciente e de transferência. Só que em seguida chegamos à ideia de que não há conceitos únicos, nem para um nem para outro, e que no momento cultural atual da humanidade um exagero do relativismo torna ainda tudo possível, aumentando a babelização. Então o tema por si só é difícil.

No Brasil, temos grupos psicanalíticos com influências teóricas e culturais muito diferentes e com trajetórias institucionais e de ensino bastante distintas. O grupo de Brasília, os grupos do Rio, os grupos de São Paulo, os grupos de Porto Alegre, que devem ser os maiores, não têm o mesmo trajeto e, mesmo que tenhamos trocas, elas são limitadas e nossas práticas são muito diferentes. O grupo de Porto Alegre, por exemplo, que está com 60 anos de existência, foi muito influenciado em sua história pelas duas maiores associações de Buenos Aires (APA e APdeBA). É com quem tivemos grande interação em nossa origem

No Brasil, temos grupos psicanalíticos com influências teóricas e culturais muito diferentes e com trajetórias institucionais e de ensino bastante distintas.

e ainda temos muitas trocas. Nossos fundadores se analisaram e supervisionaram lá e muitos dos principais pensadores argentinos vinham com frequência a Porto Alegre. Logo, a influência deles foi muito grande.

Nosso grupo começou kleiniano-argentino. Nos anos 80, iniciou-se uma troca importante com os kleinianos atuais e muitos estiveram em Porto Alegre, fizeram muitas conferências, seminários, supervisões e supervições continuadas. Porém, só nos anos 90, Bion, Meltzer e Winnicott entraram oficialmente como disciplinas dos seminários de formação. E somente no século XXI as teorias de campo e os autores franceses começaram a ter relevância. Entretanto, nosso contato com autores americanos é muito restrito (exceto Ogden e Grotstein) e alguns que têm influência em algumas Sociedades brasileiras, como Kohut, são praticamente desconhecidos em Porto Alegre. Nenhum de nossos analistas fez sua formação na Europa ou nos Estados Unidos. Nosso currículo teórico para formação psicanalítica é muito abrangente, realmente pluralista, mas, ao contrário da maioria das Sociedades, não temos disciplinas optativas todas são obrigatórias.

Poderia, em cada um dos itens que mencionei, traçar comparativos com outras Sociedades e ficariam evidentes as grandes diferenças. Além disso, a relação das Sociedades com a cultura local e com outras disciplinas, incluindo a psiquiatria, também é muito diferente. As demandas de cada lugar são diversas e as soluções encontradas fazem parte e constituem uma identidade local, que não se adaptaria a outras regiões.

Talvez o que nos una de forma mais marcada seja exatamente o pluralismo. Nossas Sociedades e nossa cultura são mais plurais. Alguns dizem que isso é resultado de uma mentalidade de “colonizado”, mas não tenho certeza de que isso explique todo o fenômeno.

Vou dar três exemplos que resultam em termos “diferentes”, ainda que muito esquemático e reducionista. Os franceses (que tampouco são um grupo homogêneo), têm uma tendência a dominar profunda e cuidadosamente a metapsicologia freudiana (e alguns a lacaniana) e mesmo os grupos dentro do pensamento francês são fortemente influen-

ciados por essas duas. A tendência dos grupos é ler autores franceses e desenvolver novos pensamentos a partir desses autores. Ingleses, americanos e latino-americanos são pouco conhecidos, exceto o pensamento de Bion e Winnicott, que André Green introduziu numa genial interação com a metapsicologia freudiana. Não há essa tendência plural.

Os ingleses, da mesma forma, tendem a ler ingleses (dentro de seu grupo identitário) e ainda que nos últimos anos haja uma maior interação e leitura de outras fontes, dificilmente poderiam ser chamados de pluralistas.

Os norte-americanos raramente conhecem, citam ou interagem com autores que não sejam norte-americanos e desenvolveram escolas freudianas e relacionais/intersubjetivistas próprias. Novamente, o conceito de pluralismo fica muito comprometido.

Aqui, transitamos por quase todos, dentro de limites culturais/regionais. Por exemplo, Lacan entrou no currículo da Sociedade de Porto Alegre somente nos últimos 10 anos e mesmo assim o conhecimento grupal ainda é muito restrito. É claro que esse trânsito de várias vias cria teorias implícitas a cada região e a cada psicanalista, diferentes dos outros lugares, mas acho difícil imaginar que haja dentro de nosso país continental uma marca de identidade, principalmente técnica.

A mim não agrada a ideia, bastante difundida fora daqui, de que somos mais permis-



Laplanche na última reunião do Comitê Científico antes de sua morte. À direita de Laplanche, em pé, está Calich

sivos, menos rigorosos e que nossa pluralidade é sinônimo de superficialidade. Tampouco acho razoável que criemos intelectualizações para defendermos esses pontos de vista. Se há algo de realmente criativo, inovador e que seja uma tendência nossa, creio que ainda deva ser cuidadosamente identificado e estudado.

AL • Aproximando-se um pouco mais das ideias de Laplanche, qual a relação Laplanche e Escola Francesa?

CALICH • A Escola Francesa, como já disse, não é homogênea e não há um pensamento francês predominante. Na França, como no mundo inteiro, existe um forte grupo lacaniano; um grupo por muitos chamado de neofreudiano; grupos mais ligados ao pensamento bioniano; ao de Winnicott; grupos que se desenvolvem a partir do pensamento de Green; um forte pensamento sobre psicossomática, dentre outros. Não há um pensamento predominante. Mas, como mencionei anteriormente, há uma marca francesa, que se deve ao fato de terem sempre um estudo da metapsicologia freudiana muito metucioso e aprofundado. Como um todo, partem de um pensamento metapsicológico freudiano sólido. São muito rigorosos com relação a isso e saliento aqui que rigor é muito diferente de rigidez. Muitos fizeram o pensamento de Freud trabalhar e evoluir, como o próprio Lacan, a escola psicossomática, Green, e antes, De M'Uzan, Didier Anzieu, Piera Aulagnier, Bergeret, Granoff, Perrier, Fain, Janine Chasseguet-Smirgel, Grunberger, Guy Rosolato, Pontalis, dentre muitos outros.

Laplanche tinha um conhecimento de metapsicologia impressionante, talvez uma das pessoas que mais dominavam a metapsicologia freudiana. Basta ver o imprescindível *Vocabulário de Psicanálise*, que escreveu com J-B Pontalis. Mas ele se considerava um fiel/ infiel a Freud. Fiel porque valorizava muito as descobertas freudianas, a riqueza de seu método de investigação e as inúmeras conjecturas geniais que fez; infiel, porque achava que muitos conceitos se desviaram de seu ponto de origem por uma série de motivos e precisavam ser revistos. Ou porque Freud fez um desvio “biológico” (como o conceito de pulsão

ou de sexualidade infantil), ou porque tentou adaptar seus achados à ciência da época (por exemplo, as tentativas de encontrar relação do psiquismo com a mecânica, a hidráulica, ou a física), ou porque não valorizou o que ele, Freud, teria descoberto na origem (a teoria do trauma, por exemplo). Laplanche estudou por muitos anos em sua disciplina na Sorbonne cada um dos conceitos freudianos (toda a coleção *As Problemáticas* é sobre isso), “colocando Freud a trabalhar”, não o tomando apenas como figura de autoridade. Esse “colocar a trabalhar” é uma expressão sua que se tornou um emblema de seu método, significava regressar à origem dos conceitos, compreender sua motivação e função na teoria e fazê-lo novamente evoluir, sem os desvios.

Assim, teceu um novo caminho metodológico, que resultou em uma teoria própria, a *Teoria da Sedução Generalizada*. Ela é uma evolução do pensamento freudiano – de acordo com Laplanche, ligada aos alicerces freudianos – e indiscutivelmente francesa. Ainda que tenha diversos pontos tão originais (como a origem da pulsão não estar no instinto ou na biologia, mas ser oriunda da sexualidade do outro), que os outros franceses – assim como em um primeiro impacto os outros psicanalistas, em geral – tendem a rechaçar. Em parte, porque a teoria de Laplanche ficou pouco conhecida com uma tendência a não ser compreendida, por falta de aprofundamento em seu estudo.

Um fator facilitador é que Laplanche não tinha recursos somente oriundos da psicanálise. Como muitos sabem, era um vinicultor, com um vinho de excelente qualidade e sofisticação. Não dependia economicamente da psicanálise e isso lhe dava também uma independência maior. Porém, sua forma de ser era assim, facilitada posteriormente pelos recursos financeiros.

Quanto a isso quero desfazer uma das intrigas comuns sobre Laplanche. Há um boato constante de que não tinha clínica e que sua falta de contato com pacientes o fez criar uma teoria filosófica do inconsciente. Em primeiro lugar, tinha clínica. Não necessitava manter uma clínica tão numerosa quanto outros, mas até uma certa idade sempre teve pacientes em análise. Em segundo lugar,

Laplanche estudou por muitos anos em sua disciplina na Sorbonne cada um dos conceitos freudianos (toda a coleção As Problemáticas é sobre isso), “colocando Freud a trabalhar”, não o tomando apenas como figura de autoridade.

dizer que sua teoria não é baseada na clínica e, portanto, é mais filosófica do que psicanalítica, parece argumento de quem nunca a estudou de forma séria. Não é novidade para ninguém que metapsicologia é algo denso e até compreendermos a linguagem, a dinâmica, o progresso e as conexões com outros sistemas, sofremos. Em meu modo de ver, o problema está no contrário, teorias que derivam de uma “prática clínica” que não tem uma coerência teórica e um substrato metapsicológico consistente, essas não só são passageiras, como ao fim e ao cabo prestam um desserviço à psicanálise como teoria e como profissão.

AL • Qual o impacto do pensamento inovador de Laplanche na clínica, na sua experiência pessoal?

CALICH • Eu, como tenho estudado bastante Laplanche, trabalhado com grupos sobre Laplanche, coordenado seminários sobre clínica, acabei achando algumas minúcias que considero muito úteis.

Laplanche considerava um equívoco grave buscar compreender psicopatologia e teoria da técnica antes que a teoria estivesse bastante estruturada. Dizia que a precipitação levava a erros importantes nessas considerações e que isso desacreditava a teoria. Somente em seus últimos artigos passou a incluir esses dois eixos. Mesmo assim, de forma bastante genérica, ainda que muito precisa.

Acredito que a introdução dos temas psicopatologia, teoria da técnica e clínica seja um trabalho em desenvolvimento e muitas coisas vão aparecer em um futuro não tão distante. A noção de *espiral*, a noção de *recusamento*, a noção de contratransferência como causadora da transferência têm muito o que avançar, pois estão pouco desenvolvidas clinicamente. Ele dizia, tomando esse último ponto, que a origem da transferência é a contratransferência. Ela nasce na figura real do outro e no espaço da abstinência. Quem cria a transferência é a mente do analista, ainda que ele nem saiba que a está criando. Um outro tema que acho fundamental é como trabalhar com pacientes com insuficiência de simbolização. Há várias tendências, derivadas de nossas diversas



José Carlos Calich em conferência em Paris

teorias. Eu acredito que a compreensão dos conceitos de *mensagem enigmática*, *atividade tradutiva* e de *objeto-fonte da pulsão* são cruciais nesse trabalho, que é de onde resulta o conceito de *recusamento*. Dito de forma esquemática e incompleta, é como podemos “ativar a pulsão” ou mesmo “criá-la”.

AL • Qual a função, o papel de Lacan na obra de Laplanche?

CALICH • Lacan foi o analista de Laplanche e muitas das coisas que Lacan propôs como teoria foram desconstruídas (no sentido próprio desta palavra, o de “fazer trabalhar”) e reconstruídas na *Teoria da Sedução Generalizada*. De uma certa forma, o método que Lacan utilizou com o pensamento de Freud, Laplanche, com seu próprio método, utilizou com o pensamento de Lacan. Porém, Lacan foi uma pessoa muito influente no pensamento de Laplanche. Ele discute, argumenta e utiliza alguns pensamentos de Lacan para auxiliar a construção de sua teoria. Eu não diria tanto o conteúdo, mas a estrutura do pensamento. Para dar um exemplo e não ficar tão abstrato, Lacan tampouco considerava a pulsão, à medida que sua teoria foi evoluindo, como motor do aparelho psíquico. Quem impulsionava a repetição do significante era sua própria estrutura. Essa forma de ver, distante da biologia ou do instinto, é marcada em Laplanche.